

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, como "Intelectual do Ano", recebe o troféu "Juca Pato"

Um pensador à frente do Brasil

Enquanto um livro como "Tentativas de Mitologia" é irrestritamente elogiado, "Raízes do Brasil" chega à sua 14.ª edição e uma coleção como História Geral da Civilização Brasileira está prestes a ser lançada, o escritor Sérgio Buarque de Holanda, autor das duas primeiras obras e co-autor da última, escolhido como o "Intelectual do Ano" no concurso promovido pela União Brasileira dos Escritores (UBE) com a colaboração da "Folha", afirma que "o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais", e não consegue entender "como terá sido possível que meu nome houvesse sido indicado para o Juca Pato".

A perplexidade marcou o discurso do autor de "Cobra de Vidro", durante a cerimônia de entrega do prêmio, ontem à noite na UBE, pelo jurista Tito Lívio Cavalcanti Medeiros, representando o vencedor do Juca Pato do ano passado, Heráclito da Fontoura Sobral Pinto, que não pôde comparecer à sede da UBE por motivo de saúde.

Entretanto, suas palavras não diferem totalmente daquelas proferidas há um ano por Sobral Pinto, para quem Sérgio Buarque "não é apenas o Intelectual de 1979; ele é verdadeiro e legítimo intelectual desde que começou, na década de 20, a orientar, primeiramente na imprensa e depois em livros, a inteligência brasileira, no domínio das Letras, da História, da Sociologia e da Política, com os conhecimentos que adquirira pela leitura, observação dos fatos sociais, diálogos e debates com homens de boa cultura".

Mesmo assim, Sérgio Buarque está convencido de que lhe falta, agora, a "presença e, não direi a facilidade de antigamente, porque esta nunca a tive, mas a boa disposição para, começado um trabalho novo, conduzi-lo até o fim". Em seu discurso ele se classifica — e a outros escritores — como "uma tribo afeita à garrulice, tanto quanto ao inconformismo fácil. De onde vem que me tenho perguntado às vezes se aqueles espadins inseparáveis dos verdes fardões, que adotam várias associações de letrados, não seriam como um emblema de pugnacidades ancestrais, que o rolar dos séculos não devorou".

Essa rigidez e inflexibilidade no julgamento daqueles que se dedicam ao ofício de escrever ele só abandonou quando fez referências à atuação política da Associação Brasileira dos Escritores durante a agonia do período getulista. A associação — agora UBE — formulou, em janeiro de 1945, a famosa Declaração de Princípios do Escritor, lida no

Teatro Municipal de São Paulo e apoiada por intelectuais do mundo inteiro, entre eles Thomas Mann e Albert Einstein.

Uma das máximas dessa Declaração era de que todos deveriam intervir na vida pública. Explica-se, portanto, o tal "emblema de pugnacidades ancestrais". Sérgio Buarque referia-se aos "momentos gloriosos" das associações de escritores, lembrando que, "hoje vivemos dias muito semelhantes aos de 45". Para Sérgio Buarque, torna-se necessário, assim, que o escritor saia do retraimento em que se mantém, para manifestar sua opinião em relação aos problemas fundamentais do País, invocando a figura de Sobral Pinto como parâmetro do intelectual engajado com tal problemática. E essa foi a conclusão do discurso daquele que há anos atrás era chamado por Oswald de Andrade de "chato-boy" (o homem sério, no bom sentido), agora "Intelectual do Ano".

Sua obra, conforme vários autores, é fundamental para a compreensão da realidade brasileira. Antônio Cândido, por exemplo, coloca o livro "Raízes do Brasil" no mesmo nível de importância de "Casa Grande e Senzala" e "Formação do Brasil Contemporâneo", de Caio Prado Jr., para as idéias de sua geração.

Estiveram presentes à solenidade o presidente da União Brasileira dos Escritores, Péricles Prade, diretores, o representante da "Folha", Francisco Rangel Pestana; o secretário de Cultura do Município, Mário Chamie; Eduardo Monteiro da Silva, representando a Secretaria de Cultura do Estado; o acadêmico Ernani Donato, do Conselho Estadual de Cultura; D. Romualdo Gorjon Vallejo, representante de D. Paulo Evaristo Arns; Luis Toledo Machado, do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo; Luis Falanga, da Associação Paulista de Imprensa e Pedro Antônio Oliveira Ribeiro Neto, prêmio Juca Pato de 70, escritores e convidados.

OS PREMIADOS

Foram esses os premiados com o Troféu Juca Pato, desde a sua criação em 1962: Santiago Dantas, Afonso Schmidt (1963), Tristão de Athayde (64), Cassiano Ricardo (65), Caio Prado Jr. (66), Érico Veríssimo (67), Menotti Del Picchia (68), Jorge Amado (69), Pedro Oliveira Ribeiro Neto (70), Josué Montello (71), Cândido Motta Filho (72), Afonso Arinos de Mello Franco (73), Raimundo Magalhães Jr. (74), Juscelino Kubitschek de Oliveira (75), José Américo de Almeida (76), Luis da Câmara Cascudo (77), Sobral Pinto (78) e Sérgio Buarque de Holanda (79).



Depois de receber o Troféu Juca Pato, Sérgio Buarque de Holanda ofereceu aos presentes um discurso bem humorado.

Um clássico, com muita humildade

"Agora não tenho a menor importância. Sou apenas o pai do Chico. E ele o cartaz da família, vencedor de concursos e mais conhecido do que todos os historiadores juntos."

A confissão, cheia de modéstia, feita em 1966 pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda fugia um pouco a verdade. Antes de ser "pai de Chico", Sérgio Buarque era, e é, um dos intelectuais mais importantes do Brasil, com um trabalho que formou gerações. Um de seus livros mais famosos, "Raízes do Brasil" tornou-se um clássico. Ao lado de "Formação do Brasil Contemporâneo", de Caio Prado Jr. e "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freire, "Raízes do Brasil" completa a trilogia fundamental para a compreensão do Brasil, na opinião de alguns críticos.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo, no bairro da Liberdade, em 1902. Em 1921 começa o curso de Direito, no Rio de Janeiro, onde ficaria morando por algum tempo. Antes de concluir o curso, Sérgio começa a trabalhar como jornalista, redator da United Press. Nesta época participa ativamente dos debates sobre a Semana de Arte Moderna, cujos realizadores conheceu de perto.

Três anos após sua formatura vai para a Europa, onde fica de 1928 a 1931. Conforme ele mesmo esta fase foi rica para complementação de seus estudos. Fez cursos na Bélgica, Alemanha, França e Polônia.

Voltando ao Brasil, foi convidado para assumir a função de professor-assistente das cadeiras de "História Moderna e Econômica" e "Literatura Comparada" da Universidade do antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro. Em 1936, foi nomeado professor catedrático de "História da América e da civilização luso-brasileira", da mesma Universidade.

A vida profissional de Sérgio dividiu-se



"Sou apenas o pai do Chico. Ele é mais conhecido que todos os historiadores juntos".

entre a cátedra e cargos burocráticos, como chefe da Seção de Publicações do Instituto Nacional do Livro, diretor da Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional e diretor do Museu Paulista, em 1946.

Sua fama como intelectual levou-o a a lecionar nas universidades da França, da Itália e do Chile. No Brasil, aposentou-se como professor da Faculdade de Filosofia da USP, em 1969, em solidariedade a seus colegas cassados.

Sérgio Buarque participou da vida política brasileira, fundando o Partido Socialista, junto com o poeta Manuel Bandeira e com o teatrólogo Guilherme Fi-

gueiredo, irmão do atual Presidente. Candidato a vereador, foi fragorosamente derrotado. A partir de então sua participação restringiu-se a escritos, seminários e conferências.

Além de historiador, Sérgio é um crítico literário de reconhecido talento. Sua obra importante neste campo ("Cobra de Vidro") foi recentemente relançada.

A obra de Sérgio Buarque de Holanda inclui 15 livros, entre os quais sete volumes para a coleção "História Geral da Civilização Brasileira". Alguns de seus livros mais importantes são "Monções" e "Visão do Paraíso".